



## **O VERBO NO TEMPO FUTURO DO PRESENTE DO MODO INDICATIVO: OLHAR FUNCIONAL NA LÍNGUA**

Manoel Guilherme de Freitas

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN*

*mguilhermedefreitas@hotmail.com*

**RESUMO** O artigo intitulado de: *O verbo no tempo futuro do presente do modo indicativo: olhar funcional na língua* foi fruto de discussões/produções, oriundas da disciplina: *Tópicos Avançados em Estudos do Discurso: o ensino de gramática na perspectiva funcional (optativa)*, ministrada pela professora doutora: Rosângela Maria Bessa Vidal, do DLV, do Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Para tanto, centrará no uso do item – verbo, no tempo futuro presente do modo indicativo, materializado na fala através da locução verbal: *vou sair, vou querer*, por conseguinte com o valor e o sentido do presente do modo indicativo, isto é, tal marcação tem sido comum na fala dos adolescentes, consoante o D & G, de Natal. Assim sendo, utilizaremos como norte de pesquisa os autores: Cavalcante (2014); Martelotta (2009); Votre (2012), dentre outros. Portanto, o estudo do verbo não só no português, no francês e espanhol é apenas um de tantos itens/sentenças da língua, que podem ser realizados através da compreensão e da análise pancrônica desta, ou seja, a partir da correlação existente entre a diacronia e a sincronia, sem se limitar à fragmentação, à divisão em partes, como se uma delas não dependesse da outra. Por fim, o estudo mostrou que a língua é variável e o seu uso está condicionado às pressões sociais, às aspirações e necessidades comunicativas, independente da forma, mas da função e do propósito comunicativo existentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbo, Funcional, Presente, Futuro, Língua.

### **1 INTRODUÇÃO**



Este artigo foi fruto da disciplina: *Tópicos Avançados em Estudos do Discurso: o ensino de gramática na perspectiva funcional (optativa)*, ministrada pela professora Doutora Rosângela Maria Bessa Vidal, do Departamento de Letras Vernáculas – DLV, do Campus Avançado Prof<sup>ª</sup> “Maria Elisa de Albuquerque Maia”, CAMEAM, bem como do Programa de Pós - Graduação em Letras, PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, sendo-o trâmite institucional de avaliação, além da expansão no ensino, pesquisa e extensão universitária.

Nesse sentido, o texto: *O verbo no tempo futuro do presente do modo indicativo: olhar funcional na língua* possibilitará à análise, ao mesmo tempo em que, teremos uma compreensão sólida acerca do processo de construção do verbo na língua portuguesa, notadamente, quando este reitera o percurso histórico pelo qual passou, notadamente, o estudo pancrônico deste item lexical/morfológico, ou seja, o estado atual do tempo futuro do presente dos verbos, oriundo de sua evolução diacrônica mediante os estágios naturais, pelos quais passou na língua, sem a exposição/mecanização estanque deste item em análise.

Para tanto, o *corpus* do texto no seu esboço teórico tecerá acerca do Funcionalismo linguístico, seus tipos, principalmente do verbo com ênfase na sua relação pancrônica: sincronia x diacronia, no tempo verbal futuro do presente do modo indicativo, já a análise procurará responder como este tempo verbal evoluiu historicamente do Latim arcaico à modernidade, considerando-o como produtivo o processo de mudança linguístico ocorrido neste período.

Por fim, como entender o item (futuro do presente) dentro de um contexto sociointeracional de estudo da língua? Assim, será possível entender que as mudanças surgidas, quando produtivas, acabam gerando as regularidades na estrutura da língua. De outra maneira, será dentre deste aporte teórico funcional, que a gramática deverá ser estudada nas escolas, bem como nas comunidades linguísticas dos sujeitos, sem que os usos sejam apenas descritos orais, distantes dos contextos reais e situacionais dos falantes em construção da língua.

## **2 METODOLOGIA**

Por que há uma necessidade de compreensão e/ou de interação nos estudos linguísticos voltados à comunicação dos sujeitos falantes? Como explicar, então, que os estudos homogêneos do ensino de Língua Portuguesa têm demonstrado ser ineficazes no tocante à leitura, à compreensão, à interpretação e a produção textual?



Nesse sentido, o artigo enquadra dentro do aporte teórico/metodológico funcional acerca do uso da linguagem humana, especialmente, buscaremos à luz das teorias funcionalistas, entender e/ou compreender o processo evolutivo pelo qual passou o verbo no português, no tempo verbal (aspecto), futuro do presente do modo indicativo.

Para tanto, o esboço do corpo do texto, dar-se-á mediante os dois pontos, a saber: primeiro, a exposição do que venham a ser o Funcionalismo linguístico, seus tipos, princípios, com ênfase no estudo pancrônico da sincronia x diacronia. Logo após, no segundo, será realizado a análise propriamente dita do tema proposto, objetivando assim, a obtenção de novos sentidos, conceitos, dentre alguns: aqueles que contemplam um pensar social, discursivo/pragmático acerca da linguagem.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 O FUNCIONALISMO E A LÍNGUA**

Como entender a língua sem que não se recorra ao seu uso: ou seja, a funcionalidade linguística de seus enunciados? Assim, será possível, então, compreender o processo evolutivo pela qual passou a língua no decorrer de várias décadas, sem o Funcionalismo linguístico?

Diante de tais questionamentos/reflexões, é sabido que ela (língua) é um produto social dos falantes, isto é, por meio da qual os sujeitos comunicam e interagem cotidianamente entre si, através de práticas sociais não rotineiras, porém enunciativo-interativas, portanto outro olhar sobre ela tem sido construído, notadamente no plano funcional/pragmático.

Neste *locus* linguístico, por que, então, continuar com um modelo estanque de língua arraigada à forma/tradição, sem levar em consideração aos fatores sociais/externos, isto é: históricos, enunciativo-discursivos/pragmáticos da língua? Por conseguinte, tal estudo deve ser percebido não mais como a língua/estrutura, partindo da frase, bem como de sentenças isoladas dos fatores sociais/linguísticos e/ou sociointeracionais.

Contudo, deve, pois, ser um produto social à disposição dos falantes/usuários, visando estabelecer a comunicação cotidianamente entre os falantes nativos da língua. Assim sendo, se concebemos a concepção de linguagem dentro deste prisma, esta servirá as mais variadas formas de interação entre os sujeitos existentes.

Dessa forma, o trabalho com a língua deverá desencadear a ruptura com a forma. Dito de outra maneira, não será com um pensar homogêneo, literal acerca da análise e da



compreensão/produção linguístico/textual da linguagem, que as políticas de linguagem devam acontecer, pelo contrário, mas partindo do uso e levando em consideração não só os aspectos internos da constituição dos enunciados, dos gêneros, mas fundamentalmente os externos em sua constituição, pautado sempre na interlocução, senão também na comunicação dos sujeitos reais e em potenciais nos espaços em estudo.

Para tanto, ganha forma a função, conseqüentemente, o uso da língua nas situações reais, logo enunciativas do sujeito, em decorrência da explanação/conhecimento funcional dela. Acerca desse olhar/pensar sobre a língua e dentro dos aportes teórico-conceituais funcionalistas, que Cunha; Souza (2007, p. 7) reforçam dizendo:

A língua como uma atividade social enraizada no uso cotidiano e condicionada por pressões advindas de situações de interação variadas, e a gramática como uma estrutura dinâmica e maleável, que emerge das situações cotidianas de interação.

Assim sendo, não há dúvida de que a forma/estrutura de um item lexical, no caso, o verbo é importante, decerto é uma necessidade, principalmente, se partirmos de situações interacionais de uso dessa língua, devendo, pois, esta (língua) ser vista como uma estrutura maleável, dinâmica, evolutiva, contrapondo-se as definições isoladas histórico-comparativas, estruturalistas, gerativistas.

Então, por que insistir num modelo de estudo/análise estático, distorcido das aspirações e das necessidades dos falantes? A quem serve para legitimar esta tradição linguística convencional? Se a língua é a interatividade dos sujeitos em ação comunicativa frequente, por que distorcer este modelo didático na sua transposição?

Neste contexto, é sobre esse pensar funcionalista, que o verbo deve ser estudado, analisado, sem que recorramos à transcrição mecânica, repetitiva de correntes formalistas, que propomos pesquisar. Afinal, buscaremos as explicações desse uso, notadamente, no tempo futuro do presente do modo indicativo.

Para tanto, é sempre bom saber que existe uma motivação interna e externa na utilização funcional dos signos linguísticos, sendo-os, pois, estes frutos de pressões linguísticas, bem como culturais, históricas hajam vista que a língua realiza-se como um fato social, cuja existência funda-se nas trocas comunicativas, discursivas, pragmáticas em interação. Neste contexto, Cunha apud Martelotta (2009, p. 157) define o Funcionalismo linguístico como sendo:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Assim, a abordagem funcionalista apresenta não apenas propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, mas diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos de análise linguística.

Consoante ao texto impresso, o Funcionalismo é uma corrente linguística, que procura estudar a relação entre a estrutura linguística da língua e os seus diferentes contextos enunciativos, discursivo-pragmáticos. Neste contexto funcional, pode-se afirmar que, tal corrente, pode ser parcialmente arbitrária, especialmente, nos casos dos termos onomatopéicos.

Por conseguinte, não é a forma que condiciona o uso da linguagem, enquanto reforçam as concepções de texto intituladas de: “Artefato lógico do pensamento, decodificação das ideias”, (CAVALCANTE, 2014, p. 18), em que as duas primeiras concepções apregoam que a língua é pautada na tradição, como também na fragmentação dos enunciados. O contrário pode ser visto na da “interação”, em que a troca, a comunicação passa a ser viável, quando o uso comunicativo é determinante para a interlocução dessa língua.

De acordo com esta vertente linguística última, o uso condiciona à estrutura gramatical vigente, notadamente por que este advém das necessidades comunicativas dos sujeitos, senão também das práticas sociais/discursivas deste mesmo sujeito, portanto sendo-as oriundas do contexto, das condições materiais produções dos enunciados, além da incorporação de diferentes olhares acerca da análise linguística, por fim dos dados utilizados como evidência do Estruturalismo empírico.

Neste contexto funcional, há dois tipos de Funcionalismo, sendo que cada um tem sua especificidade, embora estes se completem. Dessa forma, pode-se falar no europeu, bem como no americano. Assim, eles convivem harmoniosamente no país. Sobre o Funcionalismo linguístico europeu, Martellota (2013, p. 159), menciona que:

Atribui-se aos membros da escola de Praga, que se originou no Círculo Linguístico de Praga em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius, as primeiras análises na linha funcionalista. Com relação ao ponto de vista saussuriano, esses linguistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema linguístico.

De acordo com esta vertente linguística, coube ao papel pioneiro dos estudos funcionais, ou seja, notadamente os aspectos teóricos básicos do Funcionalismo linguístico, a saber: o pragmático e o discursivo,



tal abrangência deve-se, especialmente, com os estudos fonológicos, a sua maior projeção através de Nikolaj Trutzkoy e Roman Jakobson.

Já norte-americano observa o uso da língua do ponto de vista do contexto linguístico e extralinguístico, partidária de Givón, de Hopper, de Chafe e Thompson. Assim sendo, eles (teóricos) defendem que a língua tem uma função comunicativa, tanto é que as estruturas gramaticais devem ser explicadas no uso real, a que se prestam à comunicação. Sobre esta concepção gramatical, Cunha; Souza (2007, p. 18) reforçam:

Admite-se que um grande número de fenômenos linguísticos fundamentais é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades cognitivas e comunicativas dos usuários da língua. Dito de outra maneira, a codificação morfossintática é, em grande parte, resultado do uso da língua.

Neste *locus*, esta coerente/vertente é condicionante para a compreensão das relações morfossintáticas da língua em sua interação com os interlocutores em potenciais na língua. Já a Linguística Sistemico-Funcional (LSF), que tem em Halliday, a maior expressão, recebeu contribuições de Malinowski, de Firth. Logo, costuma a ser utilizada para fazer descrições de estudo da língua, mas também tem influenciado em várias outras áreas científicas, a saber: o letramento visual, a alfabetização. Enfim, toda sua amplitude deve-se ao fato de que ela (LSF) é “o modo de olhar a língua como ela é usada” (OP. CIT, 2007, p. 19).

Neste campo teórico-conceitual, a forma/significante objetiva uma função social, portanto comunicativa, já que há sempre explicações empiricamente para determinados usos linguísticos/sociais, tanto é que os conceitos cristalizados perdem os sentidos, a saber, os dos verbos transitivos diretos e indiretos, bem como os de intransitivos como nas exemplificações a seguir: Eles comeram laranjas (transitivo), já eles não comeram (intransitivo).

Assim, podemos observar que a linha de demarcação nem sempre é clara, então, por que continuar com um modelo flexional dos verbos distorcido do contexto real de uso dos sujeitos falantes? Algo semelhante ocorre em: o doente nem come nem bebe, em que tais verbos aparecem como intransitivos.

### **3.2 ANÁLISE DO ITEM VERBO NO FUTURO DO PRESENTE, OLHAR FUNCIONALISTA PANCRÔNICO**



O verbo tem sido uma das classes de palavras dentro do Funcionalismo linguístico, que mais tem ganhado em discussões, bem como nas análises recentemente, justamente, pelo fato de, internamente, contemplar uma diversidade acentuada de variações e flexões, já que este tem dado respaldo há muitos trabalhos existentes nessa área/vertente interdisciplinar de estudo linguístico, melhor dizendo, alçando voos incomensuráveis dentro da linguística moderna. Nesse sentido, Júnior, (1991, p. 97), afirma que o:

Estudo semântico referente ao verbo português é sumariamente complexo. É talvez onde melhor se evidencia a incapacidade dos métodos da gramática tradicional para fazer justiça a uma interpretação adequada do sistema gramatical português. O estudo dos empregos das formas verbais, que é tradicional nas gramáticas portuguesas, nas linhas desenvolvidas pelos clássicos, tem sido o de fixar cada emprego concretamente sem cogitar de apreender em cada forma uma significação geral que quando muito. É admitida como uma abstração. No fundo desnecessária.

Pensamento análogo encontramos em muitos linguísticos modernos de que o verbo perpassa à noção de tempo, de número, pessoa e modo, encontrando assim, na função, outros usos que, literalmente, transcendem a conotação tradicional, mecanicista, logo formalista do item/sentença verbal. De fato, o verbo é uma classe de palavra complexa, decerto exige olhares diferenciados acerca de sua produtividade na língua.

Dessa forma, buscando explicações nos fenômenos linguísticos antigos dos verbos, é importante entender que tal explicação é estranha e, portanto, distante, hoje, de uma comunidade linguística, embora que nenhuma regra morta passa a existir sem que não tenha sido “testado numa língua viva”, (APUD HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 38), isto é, tal aceção sedimenta a tese de que a língua falada já tenha sido utilizada há mais de mil anos.

Nesse sentido, o verbo flexionado no futuro do presente, apontado na gramática tradicional/estruturalista como sendo o único tempo verbal capaz de expressar o futuro, tal definição não tem sido equivalente para esta aceção, pois a expressão verbal do presente do modo indicativo: *vou sair, vou querer* tem como equivalente na fala o mesmo sentido, ou seja, existe muito mais produtividade neste item do que a convencional. Sobre esta visão/percepção linguística, Cunha; Oliveira; Votre (2012, p. 112), mencionam que:

O estudo da locução formada pelo verbo *ir*, na forma de presente, acompanhando um verbo no infinitivo não flexionado, é usado no português contemporâneo para indicar futuro, como nesse trecho do corpus Discurso @ Gramática, de Natal: (1)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa no amanhã que vai ser. (Lúcia, 8ª série).

Consoantes autores, a gramaticalização é um fenômeno variável, portanto cai por terra a concepção de língua do certo, errado, contudo ganha forma a função, o diferente. Nesse sentido, não só a língua materna, mas o francês, o espanhol utiliza a mesma estratégia de marcação do tempo futuro. Ainda neste contexto funcional, Votré (2012, p. 112), complementa dizendo que:

Afirmar que o futuro é expresso em português pela locução *ir pres + V infinitivo* não é suficiente. É preciso olhar para trás e procurar no passado a origem comum desse mecanismo de decodificação do português, do francês e do espanhol. Assim, eventos passados podem lançar luz sobre situações presentes, de modo que podemos compreender melhor sistemas correntes considerando como eles surgiram.

Assim sendo, nesse caso, a compreensão diacrônica possibilita entender a variação pelo qual passou a língua na fala como o tempo do verbo, ou seja, o uso do presente em locuções verbais com esse valor, ou seja, a função do tempo futuro do presente do modo indicativo como em: ...“Rapazes de hoje não pensa no amanhã que vai ser”, (OP. CIT, p. 112).

Em esse contexto e outros mais, dá para entendemos que a Língua Portuguesa não é estável, pelo contrário variável, dinâmica, materializando assim em contextos e usos plurais, a partir das mudanças frequentes e intensas pelo qual evoluiu a língua, sem que haja a segmentação do par: diacronia x sincronia. Afinal, a relação no âmbito sincrônico é marcada pela evolução pelo qual veio o português arcaico através do estudo diacrônico.

De outro modo, os autores: Cunha; Oliveira; Votré (IBIDEM, p. 113), complementam discorrendo:

A língua não apresenta uma organização estável do significado, uma vez que este está constantemente mudando: a língua não é, mas está. Considerar a fatia sincrônica como apenas um estágio em uma longa série de desenvolvimentos ajuda-nos a explicar/entender a natureza da gramática num momento particular.

Portanto, análise deste *corpus* mostrou que o futuro do presente do modo indicativo, materializa com a função do presente do mesmo modo verbal, através da locução verbal: *vai ser*, *vou querer*, dentre outras, sendo assim, ocorre como sendo um princípio geral dos verbos em





espanhóis, franceses, portugueses, notadamente, a partir da compreensão de um longo processo de evolução da língua, ou seja, de um estágio particular linguístico, transcorrido historicamente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

O texto-artigo apontou para a necessidade perene de estudo da linguagem, já que esta, cada vez mais, passou a ser o foco de investigações científicas através de teorias, de descobertas linguísticas, de maneira que possamos compreender a estrutura da língua, bem como a variabilidade, senão também a instabilidade, contudo o que nos interessa, recentemente, é a sua funcionalidade, ou seja, a interatividade dos discursos linguísticos.

Dessa maneira, o texto/artigo produzido não veio do além, mas das leituras, bem como das discussões, das interlocuções, além de sistematizações teóricas, possibilitando assim, um olhar diferenciado acerca dos conceitos linguísticos, no que tange ao uso do verbo no futuro do presente do modo indicativo, tendo como equivalente ou correlato a expressão verbal: do tipo: *vou sair, vou fazer*, que se cristalina no cotidiano dos falantes da língua com o discurso funcional de futuro do presente.

Nesse contexto, conceitos hegemônicos ou cristalizados caem por terra na medida em que não atende mais a um estudo funcional da língua, pelo fato de esta não partir da comunicação real dos falantes, ou seja, da interação dos sujeitos nos seios sociais, senão também através de suas perspectivas e necessidades interativas e/ou discursivo-pragmáticas.

Dessa forma, o verbo perpassa a noção de estrutura, desde que o momento histórico, a tradição gramatical será descartada em função do uso, do contexto do item lexical enquanto novos sentidos e discursos. Assim sendo, não é o fato de existir uma fórmula pronta/legitimada para a função de futuro do presente do modo indicativo, que somente esta (expressão) desencadeará esta noção.

Afinal, a própria locução verbal, que é muito marcada nos adolescentes, já dá a dimensão real/social desta variação no uso, como na passagem seguinte em: “Rapazes de hoje não pensa no amanhã que vai ser”, (IBIDEM, ID, p. 112). Isto é, o presente do modo indicativo com o valor de futuro do presente deste mesmo modo verbal. Assim, esta é só uma das mudanças que passa o verbo na língua no seu percurso variacionista, portanto deverá ser compreendido seu percurso histórico sempre.



De outro modo, este texto tratou do uso do presente com o valor/sentido de futuro do presente do modo indicativo, contrapondo os conceitos estanques, silenciados de gramática nos seios sociais, escolares, notadamente, quando não se diferencia, ou mesmo bipolariza as definições fragmentadas de que venha ser a sincronia e a diacronia, tão conhecidas na Linguística histórica, depois do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, em 1916.

Portanto, foi possível perceber que a categoria/item: verbo é complexa, assim a definição nem sempre garante eficácia para definir e/ou incluir as noções de tempo, de flexões. Neste cenário, a pancrônia ajuda a responder pelo verbo e não só por ele, razão pela qual possibilitou uma visão de como o Funcionalismo linguístico pode redimensionar o nosso olhar acerca da língua e dos falantes reais.

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, A. F. da; SOUZA, M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro; Lucerna, 2007.

JÚNIOR, J. M. C. **Estrutura da língua portuguesa**. 20ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1991.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

VOTRE, S.J. (org). **A construção da gramática**. Niterói: RJ, editora da UFF, 2012.